

**MEMÓRIAS E
NARRATIVAS: a vocação
comunitária do Centro
de Estudos e Pesquisas
em Reabilitação
(CEPRE/FCM/Unicamp)
por meio da história oral**

MEMORIES AND NARRATIVES: the community impulse of the Center for Study and Research on Rehabilitation (CEPRE/FCM/Unicamp) through oral history

MEMORIAS Y NARRATIVAS: la vocación comunitaria del Centro de Estudios e Investigaciones en Rehabilitación (CEPRE / FCM / Unicamp) a través de la historia oral

**Ricardo Santhiago Corrêa¹
Giovanna Cristina Bertelli de Lacerda^{2, 3}**

RESUMO

O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa sobre a trajetória e a atuação comunitária do Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação “Prof. Dr. Gabriel O. S. Porto” (CEPRE), que integra a Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP. Por meio de narrativas orais de docentes e outros profissionais que foram e são responsáveis pela constituição e pelo desenvolvimento do CEPRE, discute-se a história e a memória do Centro, principalmente considerando-se sua definição

¹ Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Mestrado em História Social (USP). Graduação em Jornalismo (PUC/SP). Professor na Universidade Estadual de Campinas. Email: rsanthiagoc@gmail.com.

² Graduanda em Fonoaudiologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: rsanthiagoc@fcm.unicamp.br.

³ Endereço de contato com os autores (por correio): Universidade Federal de São Paulo – USP / Instituto das Cidades. Avenida Jacu-Pessegueiro, 2630 – Itaquera – São Paulo – SP, Brasil.

inicial como um instituto voltado a atividades de prestação de serviço em saúde às comunidades. Os depoimentos confirmaram as experiências individuais como constitutivas do tecido social e a história oral como um método eficaz para lidar com a trajetória de instituições.

PALAVRAS-CHAVE: História oral; memória institucional; comunidade

ABSTRACT

This article presents the results of a research on the trajectory and the community services of the Center for Studies and Research in Rehabilitation "Prof. Dr. Gabriel O. S. Porto" (CEPRE), which integrates the Faculty of Medical Sciences of UNICAMP. Through oral narratives of professors and other professionals who have been responsible for the constitution and development of CEPRE, the history and the memory of the Center is discussed, especially considering its initial definition as an institute focused on activities of community health service. The testimonies confirmed that individual experiences are constitutive of the social fabric and that oral history is an effective method to deal with the trajectory of institutions.

KEYWORDS: Oral history; institutional memory; community

RESUMEN

El artículo presenta los resultados de una investigación sobre la trayectoria y la actuación comunitaria del Centro de Estudios e Investigaciones en Rehabilitación "Dr. Gabriel O. S. Porto" (CEPRE), que integra la Facultad de Ciencias Médicas de UNICAMP. Por medio de narrativas orales de docentes y otros profesionales que fueron y son responsables por la constitución y el desarrollo del CEPRE, se discute la historia y la memoria del Centro, principalmente considerando su definición inicial como un instituto volcado a actividades de prestación de servicios servicio en salud a las comunidades. Los testimonios confirmaron las experiencias individuales como constitutivas del



revista
Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 4, Jul-Set. 2018

DOI: <https://doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n4p684>

tejido social y la historia oral como un método eficaz para lidiar con la trayectoria de instituciones.

PALABRAS CLAVE: Historia oral; memoria institucional; comunidad.

Recebido em: 09.09.2017. Aceito em: 16.12.2017. Publicado em: 29.06.2018.

Introdução

No ano de 2016, o Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação Prof. Dr. Gabriel O. S. Porto. (CEPRE) desenvolveu seu Planejamento Estratégico para os quatro anos seguintes. Entre os resultados obtidos a partir da metodologia participativa envolvida no Planejamento, esteve o apontamento de sua chamada “visão de futuro”: “Ser um centro de excelência interdisciplinar de referência nacional e internacional em desenvolvimento humano, habilitação e reabilitação, comprometido com as demandas da sociedade” (CEPRE, 2016, p. 10).

Reflexões a respeito da identidade de uma organização, no entanto, não apenas miram o futuro – mas também, desejavelmente, dirigem-se ao seu passado. O presente estudo consiste em uma contribuição nesse sentido: focaliza a trajetória e a atuação comunitária do Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação “Prof. Dr. Gabriel O. S. Porto” (CEPRE), que integra a Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP.

O CEPRE atende a pessoas com deficiência visual e auditiva desde 1973.⁴ Com o passar dos anos ampliou suas atividades, partindo daquilo que se poderia considerar como extensão (por meio do atendimento à comunidade, já que seus serviços são dirigidos à população da região metropolitana de Campinas de diversas faixas etárias com deficiência auditiva, visual ou alteração na linguagem) para se tornar uma unidade com atuação, também, nos âmbitos do ensino superior e da pesquisa científica. Valendo-se de uma equipe multiprofissional (formada por profissionais oriundos de diversas áreas do

⁴ Não existem publicações aprofundadas sobre a instituição. Esta é a lacuna que o presente projeto buscou preencher, ainda que de maneira inicial. As informações relativas à história do centro foram extraídas de seu site oficial. Disponível em: <http://www.fcm.unicamp.br/fcm/centro-de-estudos-e-pesquisas-em-reabilitacao-cepre>. Acessado em: 01/03/2017.

conhecimento), nos últimos quinze anos o CEPRE viu-se envolvido com a formação de profissionais em Fonoaudiologia, dada a instalação de um curso de graduação na área, e mais recentemente com a formação pós-graduada, com perfil interdisciplinar, por meio do Programa de Pós-Graduação em Saúde, Reabilitação e Interdisciplinaridade.

A despeito dessa diversificação, foi por meio de suas ações de atendimento à comunidade que o CEPRE primeiramente se consagrou – daí a ideia de uma “vocação comunitária”. Como é sabido, a universidade moderna baseia-se em um conhecido tripé: ensino, pesquisa e extensão. Até mesmo a Constituição Brasileira de 1988, em seu artigo 207, nos informa que “as universidades [...] obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão” (MOITA & ANDRADE, 2009). Não somente na Constituição, mas na maior parte da literatura especializada que discute a missão e o perfil da universidade moderna, valoriza-se a integração entre esses âmbitos.

No entanto, a extensão frequentemente é relegada a uma posição secundária diante dos demais. Embora seja justamente ela que se relacione diretamente com a comunidade, pode-se levantar a hipótese de que parte da população não a entenda como central para a consecução da missão universitária. Popularmente, crê-se que o ensino constitua a base dessa instituição – ou, pelo menos, que justifique de maneira mais imediata os investimentos, a atenção e o prestígio recebido por ela. Já a pesquisa, especialmente a partir dos fins dos anos 1980 e início dos anos 1990 (com o crescimento das atividades de divulgação científica e a popularização da ciência feita na universidade, bem como com o aumento do registro de patentes e da busca pela aplicação do conhecimento gerado, por meio de incubadoras e empresas-juniores), é vista como algo fundamental para o melhoramento da

qualidade de vida da população, especialmente no que diz respeito às biociências. A extensão, embora esteja intimamente ligada aos anteriores e atue inclusive de modo a aprimorá-las, ainda não encontrou uma ressonância social de igual monta.

Em uma instituição como o CEPRE, o reconhecimento da dimensão comunitária é fundamental, especialmente dada sua articulação com as demais tarefas assumidas ao longo de sua trajetória: ensino de graduação em Fonoaudiologia; diversos cursos de extensão com teoria, prática, terapia voltada para saúde e reabilitação de portadores de deficiência visual e auditiva; programa de mestrado em área interdisciplinar, com concentração na Interdisciplinaridade e Reabilitação; programas de aprimoramento e residência, entre outros.⁵

O propósito do nosso trabalho foi investigar, em perspectiva sócio-histórica, a vasta atuação comunitária do Centro. Trata-se de uma tarefa importante, pelo menos por três razões. Em primeiro lugar, porque consiste em uma contribuição à construção da memória institucional do CEPRE e de sua narrativa histórica, sobre a qual não existem estudos realizados.⁶ A constituição desta história, a partir do registro da memória, contribui também para o fortalecimento e a valorização de uma identidade institucional coesa, contribuindo para a compreensão do presente e para o planejamento de ações

⁵ Informações retiradas do site oficial do CEPRE: <http://www.fcm.unicamp.br/fcm/centro-de-estudos-e-pesquisas-em-reabilitacao-cepre>. Acessado em 22/03/2016.

⁶ Existem diversos estudos históricos, porém, sobre a Faculdade de Ciências Médicas e sobre a Universidade Estadual de Campinas, com os quais nosso trabalho dialogou. Alguns deles são: História e construção social do currículo na educação médica: A trajetória do curso de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP (BRIANI, 2003) e As relações universidade-empresa-governo: Um estudo sobre a Universidade Estadual de Campinas (BRISOLLA *et al.*, 1997).

futuras.⁷ Em segundo lugar, o estudo visou contribuir para a compreensão de correntes históricas mais amplas a que esta trajetória específica se associa, como a história da Fonoaudiologia, a história do atendimento à pessoa com deficiência, além da história da própria FCM-Unicamp, consistindo em um subsídio importante para o estudo da História das Ciências no estado de São Paulo. Por último, realizamos o estudo pois a trajetória do CEPRE oferece elementos interessantes para a compreensão de processos que permitem e facilitam a conexão necessária e criativa entre diferentes saberes e instâncias dentro do âmbito universitário, dado que sua configuração instituição, embora particular, entretêm relações com práticas sociais vigentes, em maior ou menor grau, em instituições semelhantes.

Para estudar a “vocação comunitária” do CEPRE dentro de sua trajetória histórica, recorreremos à memória – que fundamenta a constituição de identidades individuais, coletivas e institucionais –, com a realização de entrevistas com profissionais que tiveram participação nos processos de definição do perfil institucional, da execução e da coordenação das atividades no Centro. O método utilizado foi o da história oral, cujo uso “se caracteriza por desenvolver projetos de pesquisa fundamentados na produção de entrevistas como fonte privilegiada e, simultaneamente, constituir um acervo de depoimentos para consulta do público” (ALBERTI, 2013, p.35).

Assumindo a importância das experiências individuais como constitutivas do tecido social, a história oral tem se mostrado como um método eficaz para lidar com a trajetória de instituições (FERREIRA, 1997; BORGES, 2008; FIGUEIREDO, 2009). A perspectiva do indivíduo é valiosa porque, a partir de

⁷É importante também constatar que a memória institucional é um fator importante para o reconhecimento de uma instituição. No caso do CEPRE, a ausência de publicações sobre sua história e seu importante papel junto à comunidade contribui para que sua atuação não seja devidamente reconhecida.

relatos memoriais, oferece diferentes visões sobre os eventos, os processos decisórios, os encaminhamentos institucionais, as articulações entre a memória institucional e a memória afetiva, os processos e relações de trabalho, as articulações entre instituições e suas áreas, que, em sua totalidade, conformam a trajetória de uma instituição.

O método da história oral conta ainda com particularidades importantes, como a priorização da narrativa do indivíduo em detrimento de instrumentos padronizados, o que oferece a possibilidade de acessar informações importantes – e entrever inclusive os processos que orientam os entrevistados a considerar algo como “importante” e digno de narração. É importante ressaltar que o material gravado não foi somente utilizado para fins desse projeto de pesquisa, pois foram geradas fontes para futuros pesquisadores interessados nos aspectos institucionais e profissionais ligados à história desta instituição.

A história oral como método de pesquisa

Conforme já anunciado, o método de pesquisa utilizado foi a história oral, por permitir o acesso às lembranças de vida e trabalho dos profissionais envolvidos no processo de implantação e consolidação do centro. Segundo Santhiago & Magalhães (2015, p. 22):

A história oral pode ser entendida como um método que registra memórias narradas através de entrevistas na qual entrevistado e entrevistador tomam parte – cada um com suas visões, seus interesses, seus repertórios –, com a missão comum de, através desse diálogo, construir histórias.

A opção pela história oral depende intrinsecamente do tipo de questão colocada ao objeto de estudo. Segundo Verena Alberti, “também é importante ressaltar que mesmo empregando o uso das narrativas dos entrevistados, o

conjunto de documentos escritos que o centro produziu serve de apoio para a investigação e de instrumento para análise das entrevistas” (ALBERTI, 2013, p.39).

Em um primeiro momento, foi delineado o quadro de indivíduos que seriam entrevistados. Eles foram indicados entre os profissionais (docentes, funcionários, etc.) que participaram do processo de definição do perfil e da coordenação das atividades do centro, por estarem diretamente envolvidos ao tema da presente pesquisa. Mais uma vez, segundo Alberti, “convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos” (ALBERTI, 2013, p.40).

Nessa etapa, nos confrontamos com diversas dificuldades quanto ao agendamento das entrevistas, por exemplo. Foram necessários diversos contatos e negociações, devido ao fato de o método da história oral ser essencialmente colaborativo. Sua realização depende não apenas do pesquisador, mas de seus entrevistados, que precisam dispor de interesse e disponibilidade para a participação da devida pesquisa científica. Essa é uma das razões pelas quais o praticante e teórico da história oral Michael Frisch, por exemplo, a define como um processo caracterizado por uma “autoridade compartilhada” (FRISCH, 1990).

Foram realizadas oito entrevistas de história oral de vida com orientação temática, realizadas em locais combinados entre entrevistado e entrevistador – em geral, o próprio local de trabalho –, gravadas em áudio com equipamentos portáteis, com intuito de haver uma interação entre o entrevistado e entrevistador, a fim de coletar uma história que consiga responder ao problema proposto pelo projeto. Todo o material recolhido foi preservado.

Os instrumentos utilizados foram o roteiro de entrevista e o caderno de campo. Por meio deles, coletamos histórias da instituição, levando em conta aspectos como: como se deu sua criação, como foi o processo de implantação, como o Centro surgiu, quais foram seus colaboradores e incentivadores, qual sua vocação, qual a parcela da população atendida, entre outros aspectos. Sabemos, porém, que a entrevista de história oral é marcada pelo imprevisto e pela singularidade: cada narrador se constrói de acordo com as possibilidades e os interesses do presente, de modo que coexistem, numa mesma entrevista, tanto os temas e assuntos estimulados pelo pesquisador quanto os elementos que os entrevistados elegem como significativos.

Após a gravação, foi realizada a transcrição das entrevistas, que consiste na “primeira versão escrita dos depoimentos, buscando reproduzir, com fidelidade, tudo que foi dito, sem cortes nem acréscimos” (DELGADO, 2006, p.29). Tratou-se de um trabalho extremamente custoso, mas fundamental para que fosse constituída a materialidade sobre a qual nos debruçamos. Depois de transcrito, o texto foi conferido e fixado, em sua versão final. Em seguida, as entrevistas foram submetidas ao processo de análise a fim de serem vinculadas às questões orientadoras do projeto.

A interpretação das entrevistas foi realizada a partir da identificação de chaves temáticas e da percepção de consonâncias e variações, em conformidade com as sugestões oferecidas por autores do campo da história oral (e.g. PORTELLI, 2010; PASSERINI, 2011; CÁNDIDA SMITH, 2012). Atentamos, em todo momento, para o que sugere John B. Thompson em seus estudos sobre as formas simbólicas e na sua proposta de uma metodologia de interpretação intitulada “hermenêutica de profundidade”: particularmente, a importância de analisar o contexto sócio histórico e espaço-temporal no qual os fenômenos estudados se situam (THOMPSON, 1998).

Com o conjunto de vozes, foi possível estabelecer uma cronologia afetiva da trajetória do CEPRE por meio dos acontecimentos, episódios e processos que os entrevistados relataram. Discutimos o processo de constituição da identidade institucional do centro, que nos auxilia a compreender como se deu sua configuração como um espaço de trabalho voltado à extensão.

O início da história

O Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação “Prof. Dr. Gabriel O. S. Porto” – chamado anteriormente Centro de Reabilitação Prof. Dr. Gabriel Porto –, funcionava no centro da cidade de Campinas desde 1973. Com o passar dos anos ampliou suas atividades, partindo daquilo que se poderia considerar como extensão para se tornar uma unidade com atuação, também, nos âmbitos do ensino superior e da pesquisa científica. O CEPRE atendia à comunidade através de programas de atendimento, esses programas eram ligados à deficiência visual e deficiência auditiva, e como um terceiro grupo, existia outro programa que depois se extinguiu, na qual se trabalhava com estimulação infantil com crianças com síndrome de Down de 0 a 4 anos.

A trajetória histórica do CEPRE, no entanto, não está registrada. Dados e informações a seu respeito estão dispersos, seja em informes, documentos internos, material de divulgação, ou menções laterais em estudos realizados no Centro. Nesta pesquisa, com o intuito de trazer memórias sobre a trajetória e a atuação comunitária do CEPRE, que hoje integra a Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, foram gravadas entrevistas de história oral – método que tem o objetivo de trazer relatos da vida dos entrevistados, a partir de suas perspectivas singulares. Um ponto importante do projeto consistiu em compreender não apenas o que aconteceu, mas como as pessoas interpretam e elaboram esses acontecimentos no presente.

As entrevistas, como sabemos, nos oferecem uma vasta gama de informações: consistem em uma combinação original de relatos a respeito de fatos vivenciados e testemunhados, de explicitação de visões pessoais e opiniões, entre outros aspectos. Elas têm seu valor, também, enquanto fonte de informação para a reconstituição histórica de acontecimentos, instituições e processos sociais. No caso do estudo de história oral envolvendo o CEPRE, pode-se encontrar relatos vívidos a respeito de seus primeiros momentos. Nesta primeira citação, a entrevistada alude, de maneira claramente emotiva, à constituição física da primeira sede, ainda no centro de Campinas:

[...] até hoje eu me lembro do endereço, Dr. Quirino, 1856, cruzada das senhoras católicas, existia uma árvore maravilhosa na entrada do CEPRE [...] (Marilda B. S. Botega)

A coordenação do antigo Centro era então constituída por médicos, situação modificada apenas a partir do ano de 1989, quando se abriu a possibilidade de que ele fosse liderado por outros profissionais, oriundos do próprio quadro de funcionários da instituição. A primeira coordenadora foi a psicóloga Regina Maria de Souza, hoje professora da Faculdade de Educação da Unicamp, responsável por duas gestões: de 1989 a 1991 e 1991 a 1993. Ela foi sucedida pela fonoaudióloga Maria Cecilia Marconi Pinheiro Lima, que fala a respeito na citação abaixo, demonstrando a importância do acontecimento mesmo que em detrimento da precisão factual:

[...] acho que 89, 90, virou Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação e em 91 eu assumi a coordenação do CEPRE, fazia meus atendimentos e tudo, mas também já assumi o [meu] primeiro cargo de gestão, foi a primeira coordenadora mesmo do CEPRE, porque o CEPRE sempre foi coordenado por médicos, aí entrou a Regina, que foi a primeira coordenadora interina, e eu fui a primeira coordenadora

DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n4p684>

mesmo, assim, não, médica, né, que assumiu o CEPRE. (Maria Cecília M. P. Lima)

A maioria das entrevistadas participaram das gestões do Centro, rotacionadas a cada dois anos. Em suas entrevistas, elas relataram os diversos desafios encontrados, que agregam diversas responsabilidades para além daquelas que o profissional inserido na Universidade já carrega. Porém, apesar das dificuldades, a entrevista citada a seguir demonstra quão grande é o conjunto de aprendizados obtidos no cargo e como é gratificante desempenhá-lo:

[...] eu acho que a gente aprende muito no cargo, eu só sinto dificuldade que a gestão, ela é muito boa, enriquece muito, mas o momento que você tá trabalhando com a gestão você trabalha só com os projetos institucionais, você acaba tendo que – eu no meu caso, deixando os projetos individuais, que são os projetos com a graduação, com a pós graduação, que são projetos que, como docente, são altamente necessários né? Então essa atividade administrativa acaba as vezes interferindo nas atividades que eu tenho por conta das situações que vão acontecendo no dia a dia, as demandas são grandes. (Maria Elisabete R. F. Gasparetto)

Em seu início, o CEPRE funcionava apenas como um centro de assistência, com atendimentos voltados à comunidade, demarcando a sua vocação comunitária - tema norteador do presente projeto –, e com o passar dos anos ampliou seu trabalho de atuação para as áreas de ensino e pesquisa, compondo assim os três pilares que sustentam a universidade. A entrevistada fala na seguinte citação sobre o assunto, acrescentando o engajamento de toda a equipe no trabalho conjunto:

[...] tinha muito a coisa da assistência, assistência existia, mas as pessoas estudavam, participavam de reunião com afinco, discutia, mas a gente não tinha essa vertente para pesquisa, isso não existia [...] (Marilda B. S. Botega)

Com a mudança do nome da instituição – de Centro de Reabilitação para para Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação – a inserção mais precisa nas áreas de ensino e pesquisa teria sido, aos olhos das entrevistadas, dinamizada. Essa mudança significou outras transformações no Centro, como a mudança do regimento, de toda a estrutura administrativa e a reorganização do trabalho do CEPRE. Outra entrevistada fala sobre essa fase na seguinte citação, explicando mais detalhadamente como se fez essa divisão das áreas e como ocorria esse trabalho. Ela também aponta alguns indícios da crescente complementaridade que se desenvolvia entre os diferentes âmbitos de atuação:

[...] esse movimento já vinha acontecendo né, de pensar no nome, no regimento e na própria estrutura administrativa, vamos dizer assim, não só administrativa, mas na própria estrutura do centro. E isso significou, por exemplo, criar uma área de ensino e pesquisa e uma área de assistência, em termos administrativo, mas operacional também. Tinha responsáveis por cada área, vamos dizer, coordenadores, com comissões trabalhando em cada área – uma mais voltada para o trabalho dos programas, para o trabalho assistencial, pensando sobre, revendo, organizando coisas, e a outra que era a área de ensino e pesquisa [...] (Maria de Fátima de C. Françoze)

Anteriormente, no começo da história da instituição, os atendimentos oferecidos à população eram nas áreas de deficiência visual e auditiva, como já colocado anteriormente. Em cada uma dessas áreas, os atendimentos se dividiam em programas de acordo com as faixas etárias. A equipe foi sempre multidisciplinar, com fonoaudiólogas, psicólogas, linguistas, entre outras, fazendo um trabalho não só com o paciente, mas com sua família. Na seguinte citação a entrevistada explica como era dividido esse trabalho das áreas, mais especificamente a área da surdez, na qual atuava e atua até hoje:

DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n4p684>

[...] eram essas duas áreas, tinha a área da surdez, a área de deficiência visual e os programas, cada programa estava inserido dentro dessas áreas, então tinham os atendimentos dentro dessas áreas, na surdez a gente tinha esse atendimento, voltado para faixas etárias diferentes [...] um trabalho feito com as famílias e o atendimento com as crianças, mas assim, as mães trabalhando com as crianças, crianças maiores de 3 anos até 8 e depois tinha os de adultos e adolescentes. Funcionava como uma escola, eles vinham de segunda a sexta das 8h às 11h30, um dia na semana eles eram dispensados para fazer reunião de equipe [...] (Zilda Maria G. O. da Paz)

Com o trabalho oferecido, o CEPRE então se consolidou como um centro de referência na área da reabilitação, mais precisamente em surdez e deficiência visual. Anteriormente, isso se dava só com a assistência, ou seja, com o atendimento à comunidade, e posteriormente passou à inserção também nos âmbitos de ensino, com o Curso de Fonoaudiologia e os cursos de Pós-Graduação oferecidos, além da pesquisa científica, que hoje se faz muito presente no Centro. A entrevistada na seguinte citação nos traz como o engajamento de toda a equipe contribuiu para que isso acontecesse, não apenas depois da inserção:

[...] O CEPRE sempre foi referência na parte de reabilitação, ele começou como um serviço assistencial. Depois ele foi mudando, os profissionais foram sempre se aprimorando e assim sempre foram pesquisadores, os profissionais desde o começo do CEPRE sempre foram muito pesquisadores, sempre inovaram muito, então sempre tiveram uma participação na comunidade, tanto na comunidade de forma geral, como na comunidade científica [...] (Maria Elisabete R. F. Gasparetto)

Na mudança para o campus da Universidade Estadual de Campinas, principalmente, a equipe viu-se diante de diversas dificuldades, percebendo portanto não apenas as vantagens de uma inserção institucional nova. Entre elas, esteve, por exemplo, a distância para os pacientes chegarem até o local para suas sessões de atendimento: o transporte público alcança o centro da cidade com maior facilidade, ao passo em que o número e a frequência de

linhas de ônibus dirigidas ao *campus* é reduzido. Sendo assim, eles tiveram que fazer adaptações nos atendimentos, para que os pacientes não fossem prejudicados. Uma entrevistada comenta a respeito, indicando, porém, o fato de que a qualidade das intervenções tende a ser impactada:

[...] quando a gente mudou, uma das coisas que fez foi diminuir [os atendimentos] para três vezes por semana e depois, mais pra frente, duas, porque o que as famílias falam é “só consigo ir uma vez”. Uma vez na questão da surdez não resolve; pode resolver em DV, mas em surdez não resolve, precisa, precisa de muito trabalho [...] (Lucia Helena Reily)

Muitas entrevistadas comentaram sobre a estrutura do antigo prédio do Centro. A citação seguinte nos mostra como foi difícil esse começo, pois não havia uma estrutura pensada especificamente para as atividades desenvolvidas. Tratava-se de um prédio com instalações genéricas – e que no caso, a propósito, sequer se encontrava em ótimas condições. Foi necessária a atuação enfática e criativa da equipe na divisão e adaptação daquele espaço para viabilizar o trabalho:

[...] o espaço físico era um espaço todo adaptado porque nós tínhamos era aquele local, então a nossa sala de reuniões tinha cupim na sala, a gente brincava que algum dia a gente ia estar fazendo reunião e o teto ia cair na nossa cabeça, mas a gente tinha espaço para assistência, desde aquela época a gente tinha uma cozinha que fazia o lanche pros pacientes, que eu acho que isso é um privilégio, né?, os pacientes eram atendidos, a gente atendia a área de surdez e área da deficiência visual [...] (Maria Elisabete R. F. Gasparetto)

A entrevistada, a propósito, demonstra que a coesão institucional é inevitavelmente perpassada por visões opostas. Ela explicita sua própria visão a respeito dessa modificação na dinâmica de atendimentos:

Quando começou a se discutir inclusão, veio uma profissional, não vou lembrar o nome dela, e ela quis, ela juntou, porque a inclusão tem que juntar todo mundo, aí ela juntou turmas de crianças com deficiência visual com a surdez, que foi um período difícil, complicado, então por exemplo, a criança com surdez, pra ela as coisas eram

DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n4p684>

repetidas muitas vezes para ela assimilar os conteúdos, para criança com deficiência visual, ela ouvia uma vez e já tava bom, então havia reclamação das crianças a respeito disso aí depois voltou a ter atendimento, o atendimento sempre foi de altíssima qualidade, com profissionais muito competentes [...] (Maria Elisabete R. F. Gasparetto)

Outra entrevistada fala mais detalhadamente sobre a estrutura do prédio, como eram divididas as salas, quais eram os espaços disponíveis para uso e quais eram as condições do local. Mesmo com as circunstâncias desfavoráveis, os atendimentos sempre aconteceram. As salas – que eram, elas sim, verdadeiramente imprescindíveis – existiam e forneciam aos profissionais a possibilidade de atuar:

[...] tinha um grande prédio, um prédio de dois andares, na verdade três, porque em baixo também usava, um pátio muito grande que era bom, e um prédio ao lado, também de dois andares, então tinha salas, eu diria que, do meu ponto de vista, que tinha salas suficiente pra cada profissional, as salas eram praticamente individuais, tinha sala pra atendimento em grupo, mas era um prédio antigo, com problemas, então uma parte do prédio foi praticamente interditado por causa de cupim, você entrava na sala e escorregava na sujeira do cupim, mas o local, era um local bom do ponto de vista de que o usuário chegava mais facilmente [...] (Maria de Fátima de C. Françoze)

Na mesma trilha, outra entrevistada comenta as dificuldades existentes e as estratégias da equipe – particularmente, a união e a cooperação – para garantir a realização do trabalho:

[...] E funcionava, então e era uma coisa bacana, porque assim, as pessoas se envolviam, como a coisa tinha que dá certo e você não tinha muitas opções de computadores e gravadores, então assim, todo mundo se ajudava demais mesmo né, um colaborava muito com o outro, era muito bacana. " (Priscila M. V. A. Silva)

A mudança para o *campus* e a inserção em uma nova lógica institucional

Um dos maiores marcos na trajetória do Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação foi a mudança para o campus da Universidade Estadual de Campinas. A entrada no espaço universitário não representa apenas uma mudança física, envolvendo deslocamento e atuação em um novo prédio. Na verdade, significa o ingresso dentro de uma lógica institucional bastante peculiar: a universidade. Com isso, o CEPRE defrontou-se com novos desafios e necessidades de adaptação e reinvenção, que demandaram de seus profissionais um aprendizado renovado. Ao mesmo tempo, o Centro ganhou uma maior visibilidade na área de ensino e pesquisa e assim consolidou-se ainda mais nessas áreas do tripé – Ensino, Pesquisa e Extensão.

Uma entrevistada apresenta, com grande riqueza de detalhes e capacidade de síntese, os grandes marcos da trajetória institucional do CEPRE, dentre eles destaca-se a mudança para o campus. O próprio fato de esta mudança mobilizar um relato tão substancial sinaliza para a importância que ele possui dentro da trajetória do Centro. Além desse fato, a entrevistada elenca outros grandes marcos, os quais podemos observar a seguir:

[...] A mudança para o Campus foi um grande marco, foi algo bastante positivo né, porque se integrou a universidade em vários aspectos né, então a mudança, o prédio, foi uma grande conquista. Nessa época a Cecília era coordenadora e eu era vice, quando houve a mudança [...] foi todo também um trabalho, eu diria dividir em assistência e ensino e pesquisa e o trabalho dessas áreas né, quando eu falo dessas áreas é o conjunto de docentes, é, vamos dizer assim, foi o embrião do que hoje é o departamento né e foi onde também se gestou os projetos, as ideias de criar um curso de graduação, de criar um curso de pós, então quando nós viemos pra cá em 97, já tinha vários docentes, com mestrado muitos e com doutorado, alguns com doutorado. A gente também já começou, mesmo lá no centro, cursos de extensão e aí nós sentimos, nós pensamos que a gente tinha que ter uma inserção efetiva no ensino e que isso aconteceria se nós tivéssemos um curso de graduação, então nós fizemos um estudo de que curso nós poderíamos criar, propor né, não é criar. E em função dos recursos

DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n4p684>

humanos que já existiam, e o que tinha de demanda, do que existia na área e nós concluímos que podia ser o curso de fono e aí foi todo um trabalho de fazer a proposta de fazer o curso de fono, tramitar, negociar, brigar por, até aprovar, então o curso de fono, a aprovação do curso de fono foi sem dúvida um grande marco né, porque daí a gente teve atividade de ensino, mas demorou anos né, não foi, não é rápido essas coisas, foi muito, teve um lado positivo, vamos dizer assim, o momento foi propício de que havia um desejo ou havia uma necessidade não sei de criar cursos novos, em funções das políticas educacionais, enfim. (Maria de Fátima de C. Françaço)

Com a mudança para o campus e uma inserção maior no âmbito da Universidade, os profissionais que ali estavam foram procurar titulações como mestrado e doutorado; sendo assim, houve uma luta dessas pessoas para que fosse instituída uma carreira para esses docentes. Surgiu então a Carreira DEER (Docente em Educação Especial e Reabilitação). Todas as entrevistadas citaram esse acontecimento como um marco na trajetória da instituição: quem estava inserido nesse local conseguiu melhorias, a começar pelo respeito a uma identidade profissional específica. Uma das entrevistadas fala sobre a conquista:

[...] a gente era contratada como professor nível 3, não era nem numa carreira de docentes, [e depois] a gente conseguiu passar, criar uma carreira própria para o CEPRE, que é o docente especial em reabilitação. Passamos pra essa carreira e começou a ter o incentivo pra se titular, né?, então foram várias pessoas fazer mestrado [...]
(Angélica B. de P. e Silva)

A qualificação dos profissionais, em nível de pós-graduação, contribuiu para o aperfeiçoamento de suas atividades assistenciais. Ao mesmo tempo, implicou a abertura de todo um novo horizonte de possibilidades e expectativas, antes não vislumbrados. Dentre eles, esteve a iniciativa ousada de implementação de um novo curso de graduação. Uma entrevistada fala sobre isso:

DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n4p684>

[...] tinha que realmente ter um curso que institucionalizasse a gente né, integrasse a gente realmente na Universidade [...] (Maria Cecília M. P. Lima)

A implementação do curso de graduação foi um trabalho árduo, que contou com a presença de um grupo de profissionais do centro que se engajaram nessa questão. Estudando, chegaram à conclusão que a Fonoaudiologia seria um bom curso, pois na instituição já havia algumas fonoaudiólogas, não existia curso de fonoaudiologia em universidade pública na região (somente em universidades privada), tratava-se de um curso com características interdisciplinares que poderia agregar outros profissionais do centro, e havia demanda. As discussões envolveram a negociação com institutos da Unicamp, a redação de propostas, a discussão de disciplinas e elaboração de ementas. Uma entrevistada, coordenadora do CEPRE na época, fala sobre esse processo:

[...] então foi ideia desse subgrupo de professores em que depois as pessoas se envolveram. Criar esse curso, falar lá no IEL, escrever a proposta, pensar as disciplinas, escrever as ementas e discutir isso na pró-reitoria de graduação, depois ir nas outras pró-reitorias discutir, falar com o reitor, falar com o diretor, falar com os chefes de departamento [...] quando a gente fez o estudo, lá em 96, talvez 97, nós vimos na época que não tinha curso de fono em universidade pública na região, tinha Pucc, Unimep e tal, mas era universidade privada, então uma das razões é essa, a gente viu que tinha demanda, tinha um estudo que a Cecilia montou da demanda de Campinas, tínhamos fono no quadro e nós pensamos então, desde muito cedo, fazer um curso com características interdisciplinares, pelos docentes que a gente já tinha aqui, mas também pela possibilidade de parceria com outras unidades, então uma delas foi o IEL [...] (Maria de Fátima de C. Françoze)

A criação do curso de Fonoaudiologia – instituído no ano de 2001, que teve a sua primeira turma iniciada no ano de 2002 – envolveu uma série de batalhas travadas, em diferentes níveis. Envolveu discussões pedagógicas,

infraestruturais, econômicas, etc. A data de aprovação final do curso envolveu, no entanto, uma coincidência pouco auspiciosa: ocorreu no alvorecer do dia 10 de setembro de 2001, de modo que a possibilidade de celebração – que seria natural, após o árduo trabalho da equipe – foi mitigada por dois fatos de relevância. No plano internacional, houve o conjunto de atentados terroristas que envolveu a queda das torres gêmeas, em Nova York, acontecimento de forte impacto global. No plano local, a morte do prefeito de Campinas, conhecido como Toninho e a subsequente decretação de luto, que implicou o fechamento da universidade e interrompeu o clima de celebração.

[...] quando aprovou o curso de fono lá no consul, em 2010, na véspera do ataque das torres gêmeas, que a gente não pode comemorar. Foi uma luta tão grande aprovar o curso e a gente tinha um champanhe e falava assim: quando aprovar nós vamos estourar a champanhe. O curso foi aprovado no dia 10 de setembro a noite, o consul terminou era a noite já, quem tava no consul a gente foi até comemorar e aí o que aconteceu naquele dia a noite foi o assassinato do prefeito, o Toninho, então no dia seguinte foi feriado, a universidade não funcionou, faltou isso, a gente não conseguiu se encontrar, né? E ao mesmo tempo foi o dia que teve o ataque das torres gêmeas, então foi muito marcante o pós essa aprovação do curso de fono. (Maria de Fátima de C. Françoze)

Tendo sido instituído, a primeira coordenadora do Curso de Fonoaudiologia foi a fonoaudióloga – também entrevistada na presente pesquisa – Maria Cecília Marconi Pinheiro Lima, que ocupou o cargo por quatro anos, bem como os dois anos anteriores a criação, participando ativamente desse processo e testemunhando, posteriormente, sua consolidação. Ela então fala sobre esse período:

[...] a gente achava assim que a gente tinha que realmente ter um curso que institucionalizasse a gente né, integrasse a gente realmente na Universidade né, como a pós graduação é muito difícil, porque é difícil você ter uma unidade que é só pós graduação né, em geral começa pela graduação, aí a gente ficou pensando num curso né, qual curso que poderia ser, englobar todos os profissionais aqui do CEPRE

DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n4p684>

e o que veio assim em primeiro momento pra gente foi o curso de fono né, principalmente porque a gente tinha a área de surdez muito forte aqui, tinha muita gente e era um pessoal muito forte, politicamente muito ativo e tal, então a gente foi conversando e aí surgiu a ideia, porque o curso de fono é um curso que a gente precisa de linguista, a gente precisa de psicólogo, a gente precisa de fisioterapeuta né, das questões motoras da terapia ocupacional, pra trabalhar essas questões, da pedagogia, então era um curso, quando na verdade nós montamos, nós conseguimos alocar todo mundo no curso, todos os profissionais, porque aqui tem gente de diferentes formações né. (Maria Cecília M. P. Lima)

No ano de 2002, com a entrada da primeira turma, todas as entrevistadas comentaram sobre a mudança da rotina na instituição, pois com os alunos a dinâmica mudou, sendo necessária uma reorganização no planejamento dos atendimentos. Porém, com essa quantidade maior de pessoas dentro da instituição, a população atendida pôde aumentar:

[...] eu lembro da primeira turma, a minha lembrança assim, era uma turma boa, obviamente o grupo de docentes estava experimentando criar esse trabalho, alguns docentes não tinham experiência de ensino, alguns tinham, porque já trabalhou em outros lugares. As aulas aconteciam aqui no CEPRE, aqui na sala 40, eram 30 alunos e tinham várias dificuldades, tinha uma disciplina que eles tinham lá em Piracicaba [...] (Maria de Fátima de C. Françoze)

Igualmente, outras iniciativas se desdobraram, a partir do núcleo inicial do CEPRE. É o caso do Programa de Pós-Graduação em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação, que disponibiliza formação em nível de Mestrado e de Doutorado:

[...] agora o CEPRE conquistou um monte de coisa, porque foi sempre os funcionários, os docentes, antes mesmo eram todos da carreira especial, depois alguns tiveram a possibilidade com a criação do curso passaram pra docente mesmo MS né, então eu acho que o CEPRE era no início só um centro de reabilitação, um centro assistencial, começou depois com uns cursos de especialização né, que depois foi ampliando, tivemos o mestrado profissional, depois do mestrado né, agora o doutorado, nesse meio tempo teve, também criou-se o curso de fono né, então foi tudo os profissionais que trabalhavam no CEPRE que foi conquistando tudo isso né [...] (Angélica B. de P. e Silva)

No ano de 2013, foi criado o Departamento Desenvolvimento Humano e Reabilitação. Os docentes, antes vinculados ao CEPRE, foram lotados nele, o que proporcionou um forte debate em torno da função de cada um desses núcleos dentro de lógica organizacional da Faculdade e da Universidade. Em todas as entrevistas foi citado esse acontecimento como um grande marco da história institucional do CEPRE, pois fez com que a instituição fosse reconhecida ainda mais na esfera do ensino e pesquisa e postulasse um reconhecimento inédito junto aos pares, no âmbito da Faculdade de Ciências Médicas.

A relação entre o Curso de Fonoaudiologia e o CEPRE sempre foi estrita, porém algumas entrevistadas trazem essa questão como sendo conflituosa, dizendo haver uma cisão demarcada entre eles, podemos ver a seguir:

[...] CEPRE e fonoaudiologia, assim, existe uma cisão entre esses dois e muita gente tenta deixar muito claro que um é CEPRE e outro é fono
[...] (Priscila M. V. A. Silva)

Outra faz uma comparação metafórica rica, trazendo exemplos e tentando achar uma explicação para isso: por serem dois órgãos que andam juntos, não deveria haver, em sua perspectiva, uma cisão. A maioria das entrevistadas trazem isso como um ponto negativo e dizem torcer para que a separação entre um e outro se dissipe. Observamos a afetividade e a delicadeza da entrevista ao falar do assunto:

[...] O CEPRE é uma árvore. Se eu pensar em duas árvores, o curso de fonoaudiologia é uma árvore que já cresceu, que tem raízes, que tem tronco, que dá flores, que dá frutos, dá sombra né, tem os períodos de primavera, verão, outono e inverno na árvore que a gente pode ver a fonoaudiologia e as coisas mais difíceis, mais fáceis, por outro lado como é que eu vejo o CEPRE hoje? Eu vejo o CEPRE como uma árvore bonita, importante, não menos importante, mas um pouco menos de como eu vejo a árvore da fonoaudiologia né, eu acho que o CEPRE hoje ele poderia ter, ter se expandido um pouco mais eu acho, eu fico emocionada quando eu falo do CEPRE, porque o CEPRE era um lugar de muitos amigos, de muitas amigas, de muita briga também, o pau quebrava também, mas a gente tinha um olhar muito cuidadoso e

DOI: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n4p684>

muito carinhoso pro CEPRE né, e hoje eu vejo o CEPRE imbricado no curso de fonoaudiologia, no departamento, é, e o CEPRE fazendo uma coisa um pouco apertada, é como eu sinto. Eu torço pra que o CEPRE se expanda, porque quando nós viemos pra cá, a gente veio pra expandir, claro, a gente expandiu via fonoaudiologia também, mas eu imaginava que seria duas arvores frondosas né, e hoje eu vejo o CEPRE pouco” (Marilda B. S. Botega)

Apesar do Curso de Fonoaudiologia estar inserido na realidade do Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação Prof. Dr. Gabriel Porto, a maioria das entrevistadas desejam que o trabalho continue a aumentar, ampliando seus atendimentos, não restringindo assim o trabalho somente à Fonoaudiologia: o trabalho interdisciplinar traria muitos ganhos à instituição, ajudando no seu reconhecimento e no aperfeiçoamento de suas atividades.

Memória e desafios futuros

Em uma instituição, a tarefa de pensar o passado e planejar realizações futuras é constante e necessária, e muitas vezes consubstanciam-se em ações ritualizadas, institucionalizadas. No caso do CEPRE – assim como ocorre com inúmeros setores da Unicamp – ocorrem, por exemplo, atividades como o chamado Planejamento Estratégico, que visa reorganizar e disciplinar os objetivos de uma instituição, com vistas ao aperfeiçoamento de suas ações e ao sucesso futuro. As entrevistas de história oral, além de ser um dispositivo capaz de recolher lembranças do passado, são também, elas próprias, um instrumento que dinamiza a prospecção do futuro: de uma forma ou de outra, permitem entrever sonhos, planos e desejos cujo tempo de realização está por vir. O roteiro das entrevistas contemplou questões que estimulavam este tipo de reflexão. Perguntou-se, por exemplo, como as entrevistadas imaginariam que o CEPRE seria depois de 20 anos. As reflexões partem, na maioria dos casos, de uma reflexão crítica sobre o passado e sobre os desafios do presente. A então

coordenadora do Centro ofereceu uma visão bastante objetiva a respeito, em conformidade com o lugar institucional que ocupava na ocasião:

[...] o desafio hoje é aprovar o regimento né, pra gente poder fazer as próximas eleições e tentar ver se os profissionais, tantos docentes quanto funcionários que se engajem um pouquinho mais nos projetos que nós mesmo intitulos com o planes, pra poder colocar todos esses projetos em ação, então tem coisas que tem acontecido mesmo, assim, não tanto quanto equipe, mas nos estamos agora nessa fase de tentar ver uma equipe pra trabalhar em cada projeto que foi ai tirado nesse planejamento que a ente fez no ano passado, acho que isso pro CEPRE também é importante e tentar repor as pessoas que estão saindo, principalmente os funcionários que vão se aposentar, isso a gente precisa repor pra tentar manter o CEPRE como tá, porque se for enxugando cada vez mais os profissionais do CEPRE, não sei como vai ficar, então isso que a gente tá tentando.” (Angélica B. de P. e Silva)

A constituição desta história, a partir do registro da memória, contribui também para o fortalecimento e a valorização de uma identidade institucional coesa, contribuindo para a compreensão do presente e para o planejamento de ações futuras. Na visão da seguinte entrevistada, almeja-se para a instituição uma formação de mais profissionais para trabalhar na especificidade da baixa visão, que é seu trabalho, sendo esse trabalho sendo realizado por uma equipe interdisciplinar:

[...] Eu gostaria que a gente tivesse a contratação de profissionais das diferentes áreas, para trabalharem no CEPRE, pra fazer o CEPRE crescer, então uma equipe interdisciplinar, que entre todas as áreas de trabalho no CEPRE e que a gente possa continuar porque ai eu vou fazer em relação a baixa visão, apesar de desde a década, o final da década de 70 começar a ser oficial o trabalho com a baixa visão, de trabalhar com o resíduo visual das pessoas, ainda são poucos os serviços que trabalham com essa especificidade, que detém o conhecimento sobre isso, então o meu sonho é que daqui 20 anos a gente tenha uma equipe interdisciplinar podendo avaliar, podendo fazer a habilitação, a reabilitação dessas pessoas e trabalhando com a comunidade, no sentido de formação para que cada vez mais as pessoas se apropriem do conhecimento específico, então se a gente conseguir isso, nossa, tô feliz! (Maria Elisabete R. F. Gasparetto)

A seguinte entrevistada aspira a uma relação mais sólida com a comunidade, imaginando um centro de reabilitação composto por uma equipe mais interdisciplinar também, dialogando com outros institutos da Universidade, podendo assim usufruir de realidades diferentes e pontos de vistas diversos:

[...] eu acho que bem mais sólida a relação com a comunidade né, que é o ponto de partida de tudo que vocês estavam perguntando, entradas mais asseguradas para as pessoas que precisam né, eu imagino um centro de reabilitação mais abrangente do que só fono né, espero que com uma abertura cultural também, seria legal se tivesse alguma coisa dialogando com outros institutos como instituto de Artes, por exemplo, que os alunos de fono possam ir lá fazer música, coral, não que seja só por iniciativa pessoal, mas que possa circular mais, que os alunos de fono tenham mais área verde, possam usufruir de um monte de coisa que acontece na universidade que eu acho que não conseguem fazer por falta de tempo, gostaria que fosse assim, mas... parecido com a minha experiência de universidade. (Lucia Helena Reily)

Outro desejo das entrevistadas é também o aumento da produtividade do CEPRE, ligando ainda mais os profissionais da instituição aos órgãos de financiamento de pesquisa com os temas em reabilitação, procurando inovações e engajando-se ainda mais no tripé que compõe a universidade. A entrevista a seguir fala sobre isso com muito entusiasmo:

[...] eu gostaria de ver assim, os docentes todos muito ligados assim com bolsa produtividade, ligados ao Cnpq, conseguindo bons financiamentos pra pesquisa, é, o futuro é esse dentro da Universidade, também não dá pra dizer que, ai, vamos manter o CEPRE só assistência, só assistência não se, não sobrevive dentro de uma universidade, porque numa universidade você tem que ter o tripé, o ensino, a pesquisa e a extensão, então eu gostaria de ver gente trabalhando para que as pessoas tivessem essas grandes áreas, muito na pesquisa, que tivesse muito na pesquisa aqui dentro, que tivesse gente fazendo coisa importantes para área da deficiência. (Cecilia Marconi Pinheiro Lima)

Outra depoente aspira a que o Centro se engaje ainda mais na assistência, se tornando um grande centro de reabilitação, trabalhando com

excelência e sendo reconhecido nacionalmente e internacionalmente, com pesquisas de ponta e serviço de qualidade:

[...] ah, realmente um centro de assistência, um local que serve para ensino e pesquisa, mas um centro de assistência reconhecido, não só assim, reconhecido, assim, não só nacionalmente, mas também um intercâmbio melhor com outros países que também trabalham nas áreas que a gente trabalha, é ser mesmo um centro de excelência e ser mais reconhecido nacionalmente e internacionalmente. (Angélica B. de P. e Silva)

Considerações finais

A utilização da história oral no registro da memória institucional do Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação Prof. Dr. Gabriel Porto consistiu em um grande desafio. Em primeiro lugar, em função da própria abordagem utilizada: os depoimentos consistem em fontes extremamente ricas, que combinam informações factuais à expressão de vivências, visões e opiniões filtradas pela visão dos sujeitos que narraram. Dessa maneira, cada entrevista deve ser compreendida como uma construção possível sobre o acontecido – e não como o acontecido em si.

De qualquer forma, saltam à vista elementos comuns, compartilhados como uma espécie de memória coletiva desta organização. Dentre eles, estão os grandes marcos, elencados quase unanimemente pelas entrevistadas: a mudança do Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação Prof. Dr. Gabriel Porto para o *campus* da Universidade Estadual de Campinas, o surgimento da carreira Docente em Educação Especial e Reabilitação (DEER), a criação do Curso de Fonoaudiologia e do Departamento de Desenvolvimento Humano e Reabilitação (DDHR). Cabe frisar, a esse respeito, o duplo papel desempenhado pelos marcos: o ato de narrá-los constitui, por um lado, o reconhecimento de eventos passados, considerados relevantes *para* e pelo *grupo*; por outro,

constitui também um momento de intervenção ativa sobre os desafios da organização. O trabalho de memória dirige-se também ao futuro: reiterar certos eventos não deixa de ser um modo de estabelecer os marcos identitários a serem reconhecidos pelas próximas gerações de membros da organização.

É importante ressaltar, no entanto, que os tópicos selecionados e explorados não esgotam todas as possibilidades interpretativas oferecidas pelas entrevistas, a começar pelo fato de que elas apresentam um temário muito amplo e diversificado. Haveria inúmeros outros temas interessantes a se explorar a partir das narrativas estabelecidas, tais como o caminho percorrido por cada entrevistada até sua entrada no CEPRE, existência de grupos dentro da instituição, o trabalho em um local majoritariamente feminino, conflitos individuais e do grupo, a marca que cada entrevistada gostaria de deixar no centro, entre diversos outros. Além das diferenças propriamente temáticas, ainda haveria muito a se explorar em termos das afinidades e dos contrastes nas visões referentes a procedimentos de trabalho, planos de futuro, escopo de atuação, etc. Para além das confluências, a história oral também sinaliza conflitos existentes entre diferentes sujeitos, sem encobri-los. Por esta razão, será importante continuar ouvindo as diferentes vozes, que tendem a variadas interpretações e explicações sobre fatos, processos e personagens. Espera-se que as limitações inerentes a qualquer tipo de trabalho sejam, em nosso caso, parcialmente equilibradas com a futura disponibilização das entrevistas na íntegra.

Referências

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. Ed, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. 386 p.

BORGES, Maria Eliza Linhares. A Reforma Universitária de 1968: memórias da repressão e da resistência na UFMG. **História Oral**, v. 11, n. 1-2, p. 149-168, jan.-dez. 2008.

BRIANI, Maria Cristina. **História e construção social do currículo na educação médica: a trajetória do curso de medicina da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP**. UNICAMP: Programa de Pós-Graduação em Educação. Campinas, 2003.

BRISOLLA, Sandra *et. al.* As relações universidade-empresa-governo: Um estudo sobre a Universidade Estadual de Campinas. **Educação & Sociedade**, ano XVIII, nº 61, dezembro, 1997.

CÂNDIDA SMITH, R. **Circuitos de subjetividade: História oral, arte e acervo**. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

CEPRE. **Planes CEPRE FCM**. Campinas, SP: Faculdade de Ciências Médicas, 2016. 32 fl.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral – memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 136 p.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral, comemorações e ética. **Projeto História**. Ética e História oral, São Paulo, nº 15, p.157-164, abr. 1997.

FIGUEIREDO, Miriam Beatriz Figueiredo. **Da memória dos trabalhadores à Memória Petrobras: A história de um projeto**. FGV: Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais. Rio de Janeiro, 2009.

FRISCH, Michael. **A Shared Authority: Essays on the Craft and Meaning of Oral and Public History**. New York: SUNY Press, 1990.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando César Bezerra. **Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação**. *Rev. Bras. Educ.*[online]. 2009, vol.14, n.41, pp. 269-280.

PASSERINI, Luisa. **A memória entre política e emoção**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

SAAD, Mário José Abdalla *et al.* **FCM 50 ANOS – A realidade ultrapassou o sonho / Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas**. Campinas, Sp: FCM Unicamp, 2013 – 360p.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. **História oral na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1998.

Fontes orais

Lucia Helena Reily, Campinas, janeiro, 2017. Transcrição, 23fl.

Maria Elisabete Rodrigues Freire Gasparetto, Campinas, fevereiro, 2017. Transcrição, 15fl.

Zilda Maria Giosuelli Oliveira da Paz, Campinas, fevereiro, 2017. Transcrição, 16fl.

Maria Cecília Marconi Pinheiro Lima, Campinas, fevereiro, 2017. Transcrição, 10fl.

Maria de Fátima de Campos Françoço, Campinas, fevereiro, 2017. Transcrição, 15fl.

Angélica Bronzatto de Paiva e Silva, Campinas, março, 2017. Transcrição, 14fl.

Marilda Baggio Serrano Botega, Campinas, abril, 2017. Transcrição, 8fl.

Priscila Mara Ventura Amorim Silva, Campinas, abril, 2017. Transcrição, 10fl.